

Crise no Golfo faz a Petrobrás rever investimento na Amazônia

Ronaldo Brasiense

BRASÍLIA — A crise do Golfo Pérsico, responsável por um aumento de 120% no preço do barril de petróleo no mercado internacional, foi decisiva para que o presidente da Petrobrás, Luis Octávio da Motta Veiga, autorizasse a retomada dos investimentos na mais promissora área em terra que a Petrobrás dispõe no país, no Rio Urucu (AM, a 600 km de Manaus), onde já foram perfurados 26 poços produtores de petróleo, gás e óleo condensado, e já estão estimadas reservas de 500 milhões de barris. A Petrobrás vai investir US\$ 110 milhões na área, duplicando o número de sondas de perfuração (de duas para quatro) e contratando mais três equipes sísmicas (hoje há apenas uma), ampliando substancialmente as pesquisas em toda a região em busca de novas estruturas geológicas favoráveis à retenção de petróleo.

“O Brasil tem que procurar a auto-suficiência na produção de petróleo, para não ficar dependendo de importações”, diz o superintendente de Produção da Petrobrás na Região Norte, Rafael Frazão. “Nosso objetivo é chegar a uma produção de 10 mil barris/dia, no Rio Urucu, já em 1991”, emendou. Para alcançar esta produção — o suficiente para garantir por completo o abastecimento da Refinaria de Manaus (Reman), a Petrobrás está construindo um novo

oleoduto ligando os campos petrolíferos do Rio Urucu ao Rio Tefé, com 70 quilômetros de extensão, com oito polegadas de espessura, capaz de viabilizar, no futuro, o escoamento de uma produção diária de 20 mil barris.

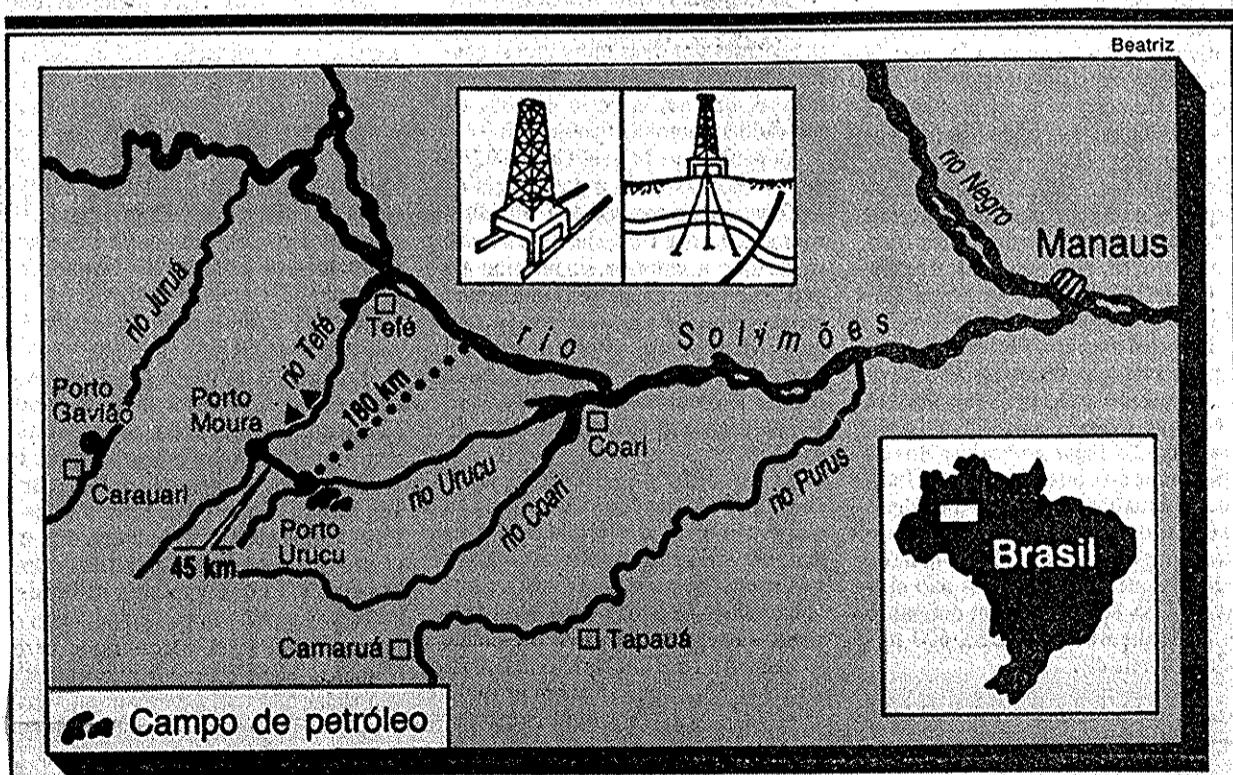
“Os poços de petróleo descobertos na região do Urucu são os melhores que a Petrobrás possui em terra”, garante Rafael Frazão, mostrando que, atualmente, a produção da Petrobrás na área fica condicionada às variações climáticas: durante o período de seca no Amazonas, a empresa somente pode escoar petróleo pelo Rio Urucu através de pequenas balsas e, ainda, por um oleoduto de 4,5 polegadas até o Rio Tefé, com capacidade para escoar apenas 4.500 barris/dia.

Pioneiro — A maior esperança dos técnicos da Petrobrás lotados no Amazonas, porém, concentra-se na mais nova investida da empresa: a perfuração de um poço pioneiro, no local denominado Rio Caiçara, a apenas 35 quilômetros do Rio Solimões. A expectativa é plenamente justificada. Caso descubra uma nova estrutura geológica com petróleo, a poucos quilômetros de um rio totalmente navegável e apto a receber navios petroleiros de grande porte, como o Solimões, a Petrobrás viabilizaria com pequenos investimentos o escoamento de toda a produção da área. “Vamos aguardar os testes de produção”, afirma, com

cautela, o superintendente Rafael Frazão.

Com a crise financeira que se abateu sobre a Petrobrás nos últimos dois anos do governo José Sarney, a maior estatal brasileira reduziu drasticamente seus investimentos na região do Rio Urucu, onde ficou trabalhando com apenas duas sondas de perfuração e uma equipe sísmica. Atualmente, a Petrobrás vem perfurando na área o poço de extensão RUC-21 (Rio Urucu 21), numa área onde ainda não teve nenhum sucesso: todos os poços perfurados descobriram petróleo, gás ou óleo condensado.

Para viabilizar a interligação entre os principais campos petrolíferos descobertos na área, a Petrobrás está construindo ainda uma estrada de 25 quilômetros asfaltada, em plena selva, o que possibilitará aumentar em curto espaço de tempo o escoamento da produção de petróleo da região. A Petrobrás estuda também a possibilidade de aumentar a capacidade de refino da Refinaria de Manaus (Reman), pois é certo que já em 1992 os campos petrolíferos do Rio Urucu estarão produzindo mais petróleo do que a capacidade da refinaria. “Outra possibilidade é aproveitar os navios que trazem derivados de petróleo para a Amazônia, que retornariam para outras regiões do país onde há refinarias levando o petróleo bruto do Urucu”, revela Rafael Frazão.



Campo dará energia a Rondônia

Os campos petrolíferos do rio Urucu sepultaram definitivamente as sombrias previsões feitas, ainda na década de 50, pelo primeiro diretor de exploração da Petrobrás, o norte-americano David Link. Quando a Petrobrás ainda engatinhava, Link prognosticou que dificilmente haveria possibilidade de se encontrar petróleo na Amazônia, onde eram muito recentes as pesquisas das estruturas geológicas. O fracasso de Nova Olinda,

município amazonense onde a Petrobrás encontrou petróleo, mas em quantidades insuficientes para viabilizar economicamente os investimentos, parecia endossar David Link. Com a descoberta de petróleo no poço pioneiro I-RUC-1 começaram a cair por terra as previsões de Link. Na Amazônia, há petróleo em escala comercial.

Além de encontrar petróleo e óleo condensado, a Petrobrás descobriu no rio Urucu mais de 12 bilhões de metros cúbicos de gás natural — cerca de 10% das atuais reservas brasileiras — e ainda estuda qual a melhor forma de aproveitar o potencial de gás da região. A Petrobrás e a Eletronorte (Centrais Elétricas do Norte do Brasil) firmaram convênio para viabilizar,

o mais rápido possível, a construção de uma termelétrica movida a gás, que seria a solução para a crônica falta de energia elétrica do estado de Rondônia e garantiria, ainda, suplementação de energia para Manaus.

O gás do Urucu poderá evitar que se repitam novos desastres ecológicos como a hidrelétrica de Balbina, no rio Uatumã, Amazonas, que recebeu US\$ 700 milhões em investimentos e inundou uma área de floresta nativa de 242 mil hectares para gerar apenas 250 megawatts — 30 vezes menos energia do que produz a hidrelétrica de Tucuruí, no rio Tocantins, no Pará, que inundou área de 246 mil hectares. (R. B.)